

MARCAS E VESTÍGIOS DE UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA COM ELETROGRAVURA

TÔNÍ RABELLO DOS SANTOS¹; REGINALDO DA NÓBREGA TAVARES²;
ANGELA RAFFIN POHLMANN³

¹Universidade Federal de Pelotas - tonirabello@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas - regi.ntavares@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa parte de estudos sobre o processo de criação que envolve a eletrogravura. Trata-se de uma técnica de gravura em que a gravação do metal se faz com água e energia elétrica, em substituição aos ácidos e mordentes tradicionais. O interesse pela eletrogravura decorre de uma reflexão poética sobre a técnica. O que procuro nas gravações com eletrólise é uma compreensão sobre os caminhos percorridos pela corrente elétrica em uma solução eletrolítica entre dois metais. Durante a investigação me mantive atento às energias que eram dissipadas naturalmente ou artificialmente no cotidiano. A corrosão é um dos índices que denunciam o percurso da corrente elétrica sendo ela um dos indicadores de tempo, de deslocamento e contato físico.

Durante a pesquisa, percebi o registros do tempo nas corrosões. As fotografias apresentam situações que observo ou realizo com os procedimentos eletrolíticos. Através deles busco tornar visível parte do trabalho que é processual. O objetivo é desenvolver trabalhos que transitem em diferentes linguagens e que se conectem com a gravura por meio de conceitos. Ao mesmo tempo, exploro a corrosão como elemento de uma poética que trata de acontecimentos invisíveis.

As ações de extrair, deslocar e fixar estruturam o meu pensamento e permeiam os cinco trabalhos que apresento neste texto: “Paisagem Corroída”, projeto “Matriz Compartilhada”, “Captador de Resíduo”, “Pequenos Naufrágios”, “Mapas Poéticos do Interior do Cubo Vermelho”.

A leitura da tese de doutorado de Marco Buti “Ir, Passa, Ficar” contribuiu nesse processo de pensamento sobre o ato de gravar. Como principais referenciais teóricos saliento: “Dispositivos de registro na arte contemporânea” organizado por Luiz Cláudio da Costa; “Os desdobramentos da gravura contemporânea” escrito por Ricardo Resende; “Gravura e Arte Eletrônica na Contemporaneidade”, por Carlos Valadares, e “A gravação como Processo de Pensamento” por Marco Buti.

2. METODOLOGIA

Os registros e os trabalhos realizados com gravura motivaram-me a organizar as ações e os procedimentos adotados na realização de imagens. A escolha pelo uso de materiais e métodos alternativos, somados ao interesse de trabalhar com novas mídias e dispositivos artísticos, me levaram para o cenário da gravura no campo ampliado. A partir das experiências no atelier de gravura, realizei trabalhos em diferentes contextos e espaços que se relacionavam de alguma forma com as ações realizadas dentro do ateliê. Esse deslocamento de dentro do atelier para fora (na rua), me fez pensar a gravura de modo ampliado,

de maneira que ela pudesse ser realizada sem a necessidade de um espaço especial ou de equipamentos tradicionais.



Figura 1: (a) Paisagem Corroída; (b) Matriz Compartilhada
Fonte: acervo do autor

Os trabalhos realizados durante a pesquisa têm como ponto de intersecção a corrosão. A mesma é analisada de diferentes formas, como: na desmaterialização na série “Paisagem Corroída” (Fig.1a), marcas no projeto “Matriz Compartilhada” (Fig.1b), ação do deslocamento visível no trabalho “Captador de Resíduo” (Fig.2c), transformação da matéria acompanhada com os “Mapas Poéticos do Interior do Cubo Vermelho” (Fig.2d) e por último a corrosão como acúmulo do tempo é encontrado nos “Pequenos Naufrágios” (Fig.2e).



Figura 2: (c) Captador de Resíduo; (d) Mapas Poéticos do Interior do Cubo Vermelho; (e) Pequenos Naufrágios
Fonte: acervo do autor

Os cinco trabalhos podem ser considerados finalizados. No entanto, a busca foi por trabalhos que apresentassem um ciclo ou um desdobramento das ações já realizadas. Nesse sentido, os registros, os estudos com eletrólise e os trabalhos com a corrosão permanecem ativos.

O uso de novas ferramentas e a substituição por materiais e métodos alternativos na confecção de uma gravura é uma das estratégias adotadas para atualização dessa prática artística. Conforme Resende (2000, p.233), “a gravura tem de superar as suas barreiras tradicionais e fundir-se com as outras manifestações artísticas, mesmo que ela passe a atuar nos limites de seu processo”.

Em minha produção apresentada nas linhas anteriores dialogo com artistas que contribuem no pensamento poético e nas questões que envolvem o processo de criação, entre eles saliento: Robert Smithson, Richard Long, Regina Silveira, Marco Buti, Carlos Gonçalves Lima Filho, María Angélica Mirauda, entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa se situa nas fronteiras da gravura, investigando os limites visuais e conceituais que podem ser pontes que unem essa prática a outras. Durante o processo de criação, os caminhos percorridos são muitos e o trabalho exposto nem sempre revela essa trajetória. Os trabalhos apresentados partem de uma experiência ou de uma proposição artística onde o espectador passa a ser co-autor, como por exemplo, nos trabalhos: “Matriz Compartilhada” e “Captador de Resíduos”. Portanto, os registros tornam-se indispensáveis e compõem o trabalho.

Nas discussões sobre gravura a partir dos anos 1990 e nas atuações de muitos gravadores contemporâneos vamos perceber uma expansão não somente nas técnicas e ferramentas disponíveis como também nas ações e dispositivos de compartilhamento e apresentação de uma gravura.

As diferentes experiências no ateliê me fizeram estabelecer relações, diálogos e proposições no cotidiano. Percebo a gravura de forma conceitual em outras práticas artísticas. Deste modo, os trabalhos criados permanecem conectados com a gravura e unidos por uma lógica de pensamento sobre o ato de gravar. O processo de gravação com eletrólise cria um sistema que em primeiro lugar fala de transformação; em segundo lugar, de um ciclo que se repete, e em terceiro, do homem frente a isso e em uma possível manipulação disso tudo.

4. CONCLUSÕES

Atraído e motivado em analisar a corrosão dentro e fora do ateliê de gravura, procurei ampliar as possibilidades de criação executando trabalhos experimentais sem o comprometimento de criar uma gravura de modo tradicional. Os trabalhos estão envolvidos por um conceito e uma memória que são inteiramente associados à gravura. A poética não se finda no ato da gravação, registro ou impressão, pois a partir deles se cria uma possibilidade de relação entre aquilo que observo e manipulo. Outros assuntos recebem atenção como a contribuição para o debate sobre a eletrogravura na produção artística e na elaboração de hipóteses sobre os diferentes significados da corrosão no contexto da arte. A eletrogravura é percebida como uma operação poética. Uma ação que recria um ciclo presente em fenômenos físicos, químicos, como por exemplo, a corrosão de objetos provocada pela intempérie.

Os conhecimentos obtidos até o momento foram documentados em fotografias, desenhos e textos descritivos, onde saliento a importância dos registros como parte do trabalho, pois revelam imagens e reflexões que constituem a memória do mesmo. Além de demonstrarem o desenvolvimento e a sustentação dessa pesquisa, com o objetivo de investigar e explorar a gravura ao propor possibilidades de criação com a eletrogravura e apresentação de dispositivos artísticos após a experiência no atelier. O que busquei com a eletrogravura foi uma experiência artística num processo que atualiza uma prática através de uma poética que investiga marcas que se formam por meio da energia

dissipada de um corpo em um movimento contínuo de extrair, deslocar, e fixar. Investigo a gravura e seus limites, propondo em minha produção uma ideia de gravura como índice e como detentora de energia. A reflexão sobre a energia vem, portanto de uma pesquisa com a eletrogravura e com investigações sobre a linguagem, onde observo a sua capacidade de transformação e inserção no espaço. A gravura é percebida como algo que tenciona formas de estar no espaço. Na atualidade a gravura dita tradicional não deixou de existir assim como a pintura não foi substituída pela fotografia. Essas linguagens se misturaram, coexistindo.

O presente texto apresentou de forma sucinta cinco trabalhos processuais que revelam um olhar singular sobre a gravura e os modos de realização e compartilhamento dessa linguagem na contemporaneidade. O mesmo é desenvolvido no Curso de Mestrado, junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais.

Agradecemos à FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul), à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio às pesquisas que deram origem a este texto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó – SC: Argos. 2009.
- ARCHER, M. **Arte Contemporânea: Uma História Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BUTI, M. & QUADROS, A.L. **Gravura em metal**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- BUTI, Marco - USP. **A GRAVAÇÃO COMO PROCESSO DE PENSAMENTO**. 1996. Acessado em 04 out. 2012. Online. Disponível em: <http://www.marcobuti.com.br/te2.html>
- COSTA, L.C. **Dispositivos de registro na arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2009.
- GREEN, C. Métodos eletrolíticos en grabado. In: FERRER, E.F. (Org.). **El grabado no tóxico: nuevos procedimientos y materiales**. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2004. IV, p.79-108.
- LIMA FILHO, C. G. **A busca da imagem na eletrogravura**. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, UNICAMP. Acessado em 14 set. 2009. Online. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/~cpgravura/index.html>
- RESENDE, Ricardo. **Os desdobramentos da gravura contemporânea**. In.: Gravura: Arte Brasileira do Século XX. São Paulo: Itaú Cultural, 2000. Catálogo de exposição.
- SALLES, C. A. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3. Ed. revista e ampliada. São Paulo: EDUC, 2008.
- VALADARES, Carlos. **GRAVURA E ARTE ELETRÔNICA NA CONTEMPORANEIDADE**. 2011. Acessado em 07 out. 2013. Online. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/carlos_murilo_da_silva_valadares.pdf